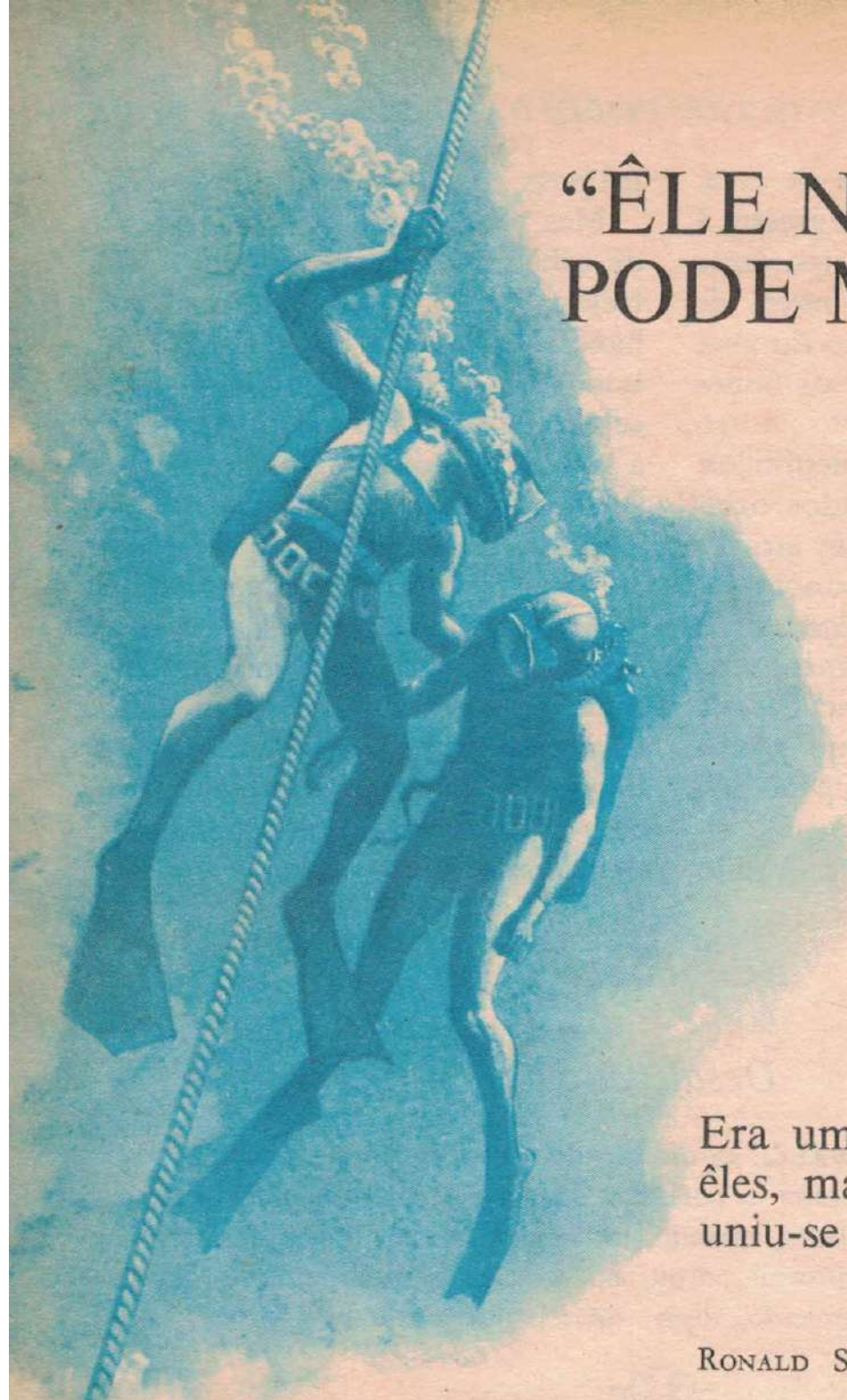


A blue-toned illustration of two divers underwater. One diver is positioned higher, holding onto a thick rope that extends from the top left towards the center. The other diver is below and to the right, looking up. Bubbles are visible around them, suggesting movement in the water. The background is a light, hazy blue.

“ÊLE NÃO PODE MORRER!”

Era um estranho entre
êles, mas a ilha inteira
uniu-se para salvá-lo

RONALD SCHILLER

PASSAVA da meia-noite na
ilhota mediterrânica de San
Pietro, algumas milhas a
sudoeste da costa da Sardenha.
Agasalhados contra o vento, de
olhos levantados para o céu, os
ilhéus aguardavam, tensos, a che-
gada de um helicóptero de socorro.
Os lábios moviam-se em preces

silenciosas pelo estranho que ne-
nhum dêles conhecia, um alemão
que naquele momento, cêrca de
meia milha ao largo, lutava pela
vida no meio do mar encapelado.

Ulrich Neuffer, mecânico de 35
anos, de Limburgerhof, estivera
acampado na ilha com sua bonita
mulher, a loura Hannelore, e seu

filho Thomas, de 11 anos. Os Neuffer não falavam italiano, mas na barca para San Pietro tinham conhecido um jovem aviador da Luftwaffe, Werner Schatz, que falava o idioma fluentemente, compartilhava a paixão de Ulrich pela caça submarina e, por acaso, passava férias no mesmo acampamento. Não terminara a travessia de meia hora, e já Ulrich e Werner eram bons amigos. No acampamento, Werner apresentou-o a outros mergulhadores: Antonio («Tonino») Alagna, sargento da Força Aérea italiana, e Daverio Giovannetti. Uli passou a fazer parte do grupo.

Nesse verão de 1969, os dias que se seguiram foram idílicos. Todas as manhãs, às oito e meia, os quatro homens dirigiam-se para uma rocha que emergia do mar a quatro milhas da praia, vestiam suas roupas de borracha, ajustavam os aparelhos respiratórios e passavam horas explorando as fantásticas cavernas submarinas, arpoando peixes comestíveis e fotografando outros de colorido maravilhoso.

Bôlha no Sangue. Mas o mergulho está longe de ser apenas uma brincadeira descuidada. O problema é o nitrogênio, que representa quase 80% do ar que respiramos. Quando a pressão atmosférica é normal, a maior parte do nitrogênio é eliminada pelo corpo; mas, à medida que o mergulhador desce e aumenta a pressão exercida sobre ele, o nitrogênio, em vez de ser eliminado, passa a dissolver-se no seu sangue. Isto não constitui pe-

rigo enquanto o mergulhador se conserva no fundo, e tampouco o prejudica quando ele regressa à superfície, desde que suba com a lentidão necessária para as bôlhas de nitrogênio se desfazerem nos seus pulmões. Mas, se a subida fôr brusca, o nitrogênio forma milhões de bôlhas nos vasos sanguíneos, suscetíveis de se aglutinarem em «embolias gasosas», que interrompem a circulação do oxigênio através do corpo, resultando em paralisia permanente ou morte dolorosa. Uli tinha perfeita consciência deste fenômeno, conhecido entre os mergulhadores por «caixote», mas isso não o preocupava: sabia perfeitamente como subir.

Na sexta-feira, 22 de agosto, Uli encontrava-se arpoando de uma plataforma 35 metros abaixo da superfície. O manômetro indicava que suas garrafas ainda continham 90 das 200 atmosferas iniciais, mas, súbitamente, Uli começou a debater-se com falta de ar. Desatarraxou o manômetro, bateu com ele no cinto de chumbo e tornou a atarraxá-lo à garrafa de ar. Horrorizado, viu a agulha descer a zero, o que significava que dispunha de ar para cinco minutos, no máximo, em vez dos 14 de que precisaria para a descompressão, enquanto subisse daquela profundidade! Sem perder a cabeça, subiu tão lentamente quanto o ar que restava lhe permitia.

«Pulgas dos Mergulhadores». No barco, enquanto tirava o equipamento, Uli não disse nada a

Tonino, que o acompanhava, sôbre o acidente que sofrera. Mas, quando se sentou ao sol para aquecer, começou a sentir fortes câibras no estômago, parecendo que garras de ferro lhe apertavam o peito. Por gestos, explicou a Tonino o que lhe sucedera. O napolitano, que já uma vez vira um pescador de coral morrer num acidente igual, sabia que a única coisa capaz de salvar Uli era voltar a mergulhar, para a descompressão. Ajustou o equipamento às costas do alemão, equipou-se igualmente e, sem perderem tempo com roupas de mergulho, desceram ambos a 20 metros.

Assim que chegaram a águas profundas, onde o nitrogênio voltou a dissolver-se, as dores de Uli desapareceram. Depois de gastarem 18 minutos subindo à superfície, os dois homens voltaram para o barco. Apesar de gelado até aos ossos, o alemão sentia-se muito bem. Ao chegar à praia, porém, suas pernas ficaram hirtas e foram atacadas por uma espécie de formigamento, como se estivessem dormentes. Esta sensação, conhecida por «pulgas dos mergulhadores», é sinal inequívoco de descompressão excessivamente rápida. Werner revelou os sintomas a Tonino, cuja decisão foi imediata e concisa: «Vamos para a água.»

Desta vez, levaram 31 minutos na subida, muito mais que o normalmente necessário. Os sintomas de Uli tornaram a desaparecer e ele de novo se sentiu bem, embora muito cansado. Mas, passado pouco

tempo, já no acampamento, o formigamento e a dormência voltaram e agravaram-se rapidamente. Inquietos, os companheiros de Uli compreenderam que a única esperança residia em conduzirem o amigo à câmara de descompressão em Cagliari, capital da Sardenha, a cerca de 110 quilômetros de distância.

Os amigos de Uli transportaram-no para o automóvel, pois ele já se encontrava quase completamente paralisado da cintura para baixo. «Não há motivo para preocupações», mentiram à assustada mulher e ao filho do alemão. «Daqui a três horas estará em Cagliari e amanhã regressará, pronto para mergulhar de novo.»

Seguiram a tôda a velocidade para o cais da barca, buzinando como loucos até alcançarem o primeiro lugar na fila; aí, Tonino correu a telefonar para o hospital de Cagliari, a fim de prepararem tudo. Quando voltou, momentos depois, trazia más notícias: a câmara de descompressão estava avariada, e a mais próxima era em Roma, à impossível distância de 500 quilômetros.

Poucas Probabilidades. Em San Pietro, as notícias correm com celeridade extraordinária, e já se reunira uma multidão de curiosos. Também já tinham chegado Carlo Biggio, Prefeito de Carloforte, principal pôrto da ilha, e o *brigadiere* Matteo Malgioglio, comandante da força de seis *carabinieri* da ilha. Telefonou-se para a Base Naval de Ma-

dalena, na ponta setentrional da Sardenha, e o médico naval recomendou: «Metam novamente o homem na água e conservem-no lá até poder ser transportado, de avião, para uma câmara de descompressão. Mas, para ser franco, suas probabilidades são poucas. Mesmo que consigam transportá-lo para tratamento no continente, a baixa pressão da altitude mais elevada acabará com ele num instante.»

As possibilidades de salvação de Ulrich Neuffer eram, de fato, poucas. A ilhota rochosa de San Pietro não tem campo de pouso. Uli só poderia ser levado para Cagliari de helicóptero e, daí, de avião para Roma. Os *carabinieri* de Cagliari tinham um helicóptero de pequeno alcance, que se podia encarregar da primeira parte da viagem; mas, para o voo de 400 quilômetros até Roma, era indispensável um avião, e, para arranjá-lo, haveria muita papelada a preencher, muita burocracia.

Carlo Biggio é um homem muito obstinado. Numa frase que num instante correu a ilha e se transformou num verdadeiro toque de reunir, declarou: «O alemão é nosso hóspede. Não podemos deixá-lo morrer!» Das sete da tarde à meia-noite e meia, ele e o *brigadiere* não deram descanso aos telefones: falaram para o Prefeito de Cagliari, para os comandantes canadense, alemão e italiano da base aérea da OTAN na Sardenha, para a Força Aérea italiana, para o quartel-general dos *carabinieri* em

Roma, ao todo 40 telefonemas.

Os amigos de Uli começavam já a recear que ele não suportasse muito mais tempo debaixo da água. Mas Ulrich, consciente da gravidade do seu estado, não hesitou em mergulhar pela quarta vez naquele dia. Um vento de 30 nós fustigava a baía e abaixo da superfície a água estava fria e as correntes eram tão fortes que ele tinha de se agarrar à corda da âncora para não ser arrastado por elas. Mas nunca esteve sozinho. Munidos de lanternas à prova de água, Tonino, Werner e outros mergulhavam por turnos, encorajavam-no por sinais, davam-lhe palmadinhas nas costas e massageavam-lhe os membros enregelados.

Durante a longa provação, Hannelore e Thomas não saíram da praia. A certa altura, a telefonista do hotel surgiu correndo e anunciou que em breve chegaria um helicóptero. Um quarto de hora depois, porém, voltou e disse que se tratara de rebate falso. O helicóptero foi anunciado ainda mais quatro vezes e a notícia desmentida outras tantas.

Passava da meia-noite quando se venceu a última barreira burocrática e o Prefeito Biggio comunicou que vinha finalmente a caminho o helicóptero dos *carabinieri*, pilotado por homens da Força Aérea e trazendo um médico a bordo.

Dispararam foguetes de sinalização, para chamar o barco dos mergulhadores, e o aviso chegou

mesmo a tempo. Ao fim de quatro horas e meia de tormentos, Uli atingira o limite da sua resistência e estava quase inconsciente. As primeiras coisas que viu, ao emergir, foram os foguetes no céu. Hannelore abraçou o filho e, pela primeira vez naquele dia, deixou correr as lágrimas.

Vôo Ioiô. O problema, em Carloforte, era onde descer o helicóptero, de noite, sobretudo com o vento forte. A única área plana com tamanho suficiente era o campo de futebol, mas o piloto não conseguiria encontrá-lo às escuras.

«Reúnam alguns automóveis e mandem-nos iluminar o campo com os faróis», ordenou o prefeito a um ajudante.

Em poucos minutos, praticamente todos os carros da ilha subiam a encosta em direção ao campo, que não tardou a ficar inundado de luz.

O helicóptero e os mergulhadores chegaram ao campo de futebol quase ao mesmo tempo. Uli, cuja paralisia retornara quase no mesmo instante em que saíra da água, foi deitado numa maca a bordo do helicóptero. Por ordem do médico, o aparelho voou ao nível das ondas, apesar do vento que fazia subir e descer a frágil estrutura como um ioiô.

No aeroporto de Cagliari, transferiram Uli para um avião da Força Aérea, que voou para Roma a uma altitude de apenas 200 metros. Às duas e meia da manhã—18 ho-

ras depois de ter saído com Tonino—muito mal, mas salvo, Uli foi finalmente colocado na câmara de descompressão do Hospital Policlínico.

No dia seguinte, a notícia deu origem a uma louca celebração no acampamento de San Pietro. Daverio organizou uma festa, houve música e assou-se uma ovelha no espêto. Os ilhéus tinham adotado os Neuffeur, e os seus problemas deviam ser compartilhados por todos.

Quando falei com Uli em Limburgerhof, seis meses depois, estava completamente refeito. Passara apenas seis dias no hospital de Roma, e, após três semanas, regressara milagrosamente ao trabalho. Nos dias frios, ainda sentia um formigamento e dormência nas pernas; além disso, não podia correr tanto como dantes, mas melhorava progressivamente. Os médicos da Universidade de Heidelberg, onde estava sendo tratado, atribuíram à sua extraordinária recuperação, em parte, aos mergulhos de descompressão a que Tonino e os amigos o tinham forçado, e, em parte, à coragem e à resistência física de Uli.

Mas Uli tem ainda outra explicação: «Teria desistido uma dúzia de vezes, durante aquelas horas que passei mergulhado, se não soubesse que tanta gente que não me conhecia arriscava a própria vida para salvar a minha. Não podia decepcioná-los.»

